

## APRESENTAÇÃO DA 32ª EDIÇÃO DA TRAVESSIAS

O dossiê *Escrituras femininas à margem: diálogos na América Latina e na Península Ibérica* é o resultado da articulação de um conjunto de trabalhos unidos pela reflexão e problematização em torno da invisibilidade de escritoras na história literária latino e ibero-americana - especialmente no Brasil-, dialogando, quando possível, com as escritoras do outro lado do Atlântico. Assim, desde uma perspectiva de gênero, o presente dossiê pretendeu acolher trabalhos que tratassem de escritoras *à margem*. Na realidade, falar de escritoras e utilizar a expressão *à margem* é, de certa forma, uma redundância. O status não canônico quase generalizado de muitas escritoras - fruto de um machismo histórico, endêmico e estrutural, somado ao preconceito social e étnico - reflete a impossibilidade da artista feminina viver na sua plenitude o ser escritora e o seu ofício. Segundo Gayatri Spivak (2010, p. 12), a definição de sujeito subalterno está diretamente associada “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. Neste sentido, a escrita de autoria feminina pode ser considerada como uma escritura subalterna, uma vez que as mulheres são a representação desse sujeito, em alguns casos, triplamente marginalizado, por sua condição de gênero, classe social e étnica.

A palavra mais citada no dossiê, sem dúvida, foi *silêncio*. Sobre esse conceito é importante destacar que *silêncio* não significa *ausência* e, portanto, não é um reflexo necessário de subordinação. Para a teórica Wendy Brown, o silêncio pode funcionar como uma estratégia de resistência, em que a liberdade pode ser, sim, praticada. Desta forma, “silence is considered not simply as an aesthetic but also as a political value, a means of preserving certain practices and dimensions of existence from regulatory power” (BROWN, 1998, p. 314). Apesar de que o silêncio também pode ser visto como uma prática “resistente”, a voz não pública de muitas escritoras - o que tem levado ao seu esquecimento sistemático - é uma consequência direta da desigualdade entre os sexos, de uma estrutura hierárquica, cuja autoridade encontra-se centrada no homem e na autoria masculina.

Nesse sentido, o presente dossiê pretende realizar uma sugerente contribuição a esse debate, desde variadas e instigantes perspectivas teóricas, temáticas e interdisciplinares. Em

*Escrituras femininas à margem: diálogos na América Latina e na Península Ibérica*, encontram-se artigos de excelente qualidade e que tratam tanto de escritoras esquecidas pela história literária como também daquelas que estão sendo “resgatadas” ou lutando pelo seu espaço no cânon literário. Escritoras negras, anarquistas ou conservadoras, premiadas em um sistema cultural patriarcal, que viveram sob sistemas autoritários ou que lutaram pelos direitos das mulheres e de ser mulher. Todas tiveram uma história em comum: a da invisibilização das suas produções artísticas, das suas vozes, de diferentes representações do mundo, de sentir e olhar. Muitas delas perderam a batalha por ser reconhecidas, mas nós perdemos, ainda mais, com a impossibilidade de conhecer e acessar os seus trabalhos. Escrever é uma maneira de resistir e essas mulheres resistiram, cada uma da sua maneira e no seu tempo. Com esse dossiê, também pretendemos ter uma posição quase “subversiva” em tempos como os que vivemos: *mariellando* a Academia, um espaço tão elitista, mas que pode, e deve, tornar-se um lugar de reconhecimento e, mais que isso, de espaço para *outras vozes*.

Por outra parte, segundo a historiadora Joan Scott (1991), o gênero deve ser analisado juntamente com outras categorias, como a de raça. Nesse sentido, os artigos “A escrivencia de Maria Firmino dos Reis no conto A escrava”, de autoria de Giselle Aparecida Luz, “Considerações sobre a poética afrofeminina de Mel Adún: afetividade, erotismo, emancipação feminina e misticismo”, de Rangel Gomes Andrade e Adalberto Luis Vicente; “A escritora Carolina Maria de Jesus: legitimando seu lugar na história da literatura brasileira”, de Dênis Moura de Quadros, “Conceição Evaristo e as configurações de um *bildungsroman* de pobre”, de Luiz Carlos Felipe e Alba Krishna Topan Feldman e “A mulher “nem recatada ou do lar” em *Esmeralda, por que não dancei* e *Ponciá Vicêncio*”, das autoras Maria Tereza Amodeo e Mariana Borda Gueiral nos revelam a importância desta afirmação, ao tratar de escritoras que escrevem a partir desta perspectiva.

Estas obras de mulheres negras revelam as mudanças que vêm sofrendo o cânone literário, com a entrada de uma literatura que até então residia nas margens da literatura lida e ensinada, enfim, os chamados *clássicos*, normalmente escritos sob uma perspectiva masculina, branca e burguesa. Também revelam uma mudança de postura da própria crítica literária, que até pouco tempo desconsiderava a produção destas autoras, utilizando argumentos altamente preconceituosos e discriminatórios.

De Maria Firmino dos Reis, a autora analisa o conto “A escrava”, publicado em 1877, com a proposta de identificar a construção que se faz da identidade da personagem negra e escrava que “problematiza o sistema escravocrata e machista vivenciado na sociedade brasileira em pleno século XIX”. Para alcançar o nível de crítica necessário, Maria Firmino dá voz para a escrava Joana relatar sua história de silenciamentos.

Mel Adún, por sua vez, em pleno século XXI, é uma escritora jovem que publica seus escritos em suportes alternativos como blogs e jornais e coloca em debate uma poética contestatória que segue a linha do feminismo negro. No artigo sobre sua produção literária, os autores se preocupam em evidenciar estas pautas das mulheres negras, estabelecendo um vínculo com as raízes culturais africanas.

O artigo sobre a escritora Carolina Maria de Jesus reivindica o lugar e o reconhecimento de sua obra na literatura brasileira, abrindo caminho para que outras autoras negras também possam ocupar este espaço muitas vezes dominado pelo preconceito, silenciamento e exclusão. A pesquisa se centra na questão da autoficção como categoria de análise para a obra *Quarto de despejo*, evidenciando como a autora ficcionaliza sua própria experiência de vida.

Dois trabalhos sobre a obra de Conceição Evaristo foram selecionados para a publicação. O primeiro texto sobre o romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo apresenta uma leitura da obra a partir de uma análise parodística do modelo de *Bildungsroman* eurocêntrico, revelando a proposta de uma *Bildung* negra. Em outra leitura distinta da mesma obra de Evaristo temos o artigo “A mulher “Nem recatada ou do lar” em *Esmeralda*, *Por que não dancei* e *Ponciá Vicêncio*” que ao comparar duas obras de autoras diversas, Esmeralda do Carmo Ortiz e Conceição Evaristo, acaba “evidenciando resistência e legitimação e promovendo um exercício de alteridade, quer seja por meio de um relato habilmente construído de uma experiência vivida, quer seja pela narrativa literária, ambas promovendo a expansão do beco ao belo”.

Partindo para os trabalhos que versam sobre os direitos das mulheres, encontramos o artigo intitulado “Levemos a mulher à Academia Brasileira de Letras! Tetrá de Teffé, a primeira romancista premiada pelos imortais”. A autora Gabriela de Lima Grecco analisa em seu texto a luta das escritoras brasileiras para conseguir a primeira Cadeira feminina no panteão dos imortais, a Academia Brasileira de Letras. Para tanto, analisa como se tem conformado o cânone literário e, em que medida, as mulheres conseguiram ter voz para “subvertê-lo”. A romancista Tetrá de Teffé, primeira mulher a receber o Prêmio Machado de Assis, revela a força da escritura feminina em tempos autoritários. Dentro desta mesma temática da luta pelos direitos das mulheres se apresenta o artigo “Josefina Alvares de Azevedo e a peça teatral *O voto feminino*: a escrita como instrumento de luta” de Mônica Karawejczyk que traz à luz o questionamento acerca do sufrágio feminino ainda no final do século XIX no Brasil, momento em que não é permitida a participação feminina no espaço público da política. O estudo enfatiza a importância da obra como instrumento de luta pelos direitos das mulheres, principalmente, daquele período. Em contexto ibero-americano, o artigo “Una mujer de ideas modernas”: Federica Montseny, literatura e identidades de gênero anarquistas” da autora Carme Bernat Mateu, apresenta uma análise do romance *La*

*Victoria* da anarquista Federica Montseny, sob uma perspectiva da história cultural e das relações de gênero, enfatizando a recepção da obra e a polêmica que ocasionou no momento de sua publicação na Espanha.

Se as mulheres, historicamente, foram reprimidas pela simples razão de ser mulher, em contextos de ditaduras - como as ditaduras militares latino-americanas, no Brasil ou na Espanha do século XX - essa repressão foi ainda maior, uma vez que os regimes de exceção operaram no sentido de manutenção dos papéis sociais tradicionais.

Para problematizar estas questões se fazem presentes os próximos três textos. No contexto latino-americano está o artigo “Morder para viver e escrever para lembrar: mulheres que mordem, de Beatriz Leal, e a rememoração do tempo que não pode ser esquecido na América Latina” de Natasha Centenaro, que tem como objeto de estudo “a construção das personagens femininas e suas relações com as ditaduras militares”. A memória é uma categoria de análise para entender o gesto escritural que desempenha o narrador para a produção simbólica dos acontecimentos históricos.

Outro trabalho que aborda o tema da ditadura é “Cassandra Rios: uma voz censurada no regime militar no Brasil”, de autoria de Roberta Knapik Brum e Délcio Marquetti. A partir da perspectiva da história cultural, a pesquisa se centra em retirar das margens e dar visibilidade a Cassandra Rios, uma das escritoras mais censuradas no Brasil na época da ditadura militar. Trata-se de dar voz a quem foi silenciada e excluída da possibilidade de entrar no cânone literário brasileiro.

O terceiro artigo de Alejandro Camino Rodríguez, “Entre el hogar y la profesión. Los manuales de conducta de Francisca Bohigas durante el primer franquismo (1939-1950)” apresenta uma visão diferente dos demais trabalhos porque traz para seu cerne os escritos de uma mulher conservadora, que compactua com o regime ditatorial franquista, mas que ao mesmo tempo se coloca também como resistente no que se refere a reivindicação de alguns direitos femininos, como o direito à propriedade e a exercer diversas profissões.

Os próximos artigos se articulam no contexto da literatura epistolar e diarística, apontando para a escrita em uma esfera mais privada. Neste sentido, o texto de Sara Gutiérrez Martín contém três elementos interessantes. Por um lado, as escritoras espanholas Elena Fortún e Carmen Laforet viveram sob regimes repressivos, depois de passarem pela experiência de uma guerra civil (a Guerra Civil Espanhola); e, por outro lado, ambas viveram a experiência do exílio: Elena Fortún, um *exílio físico* e Carmen Laforet, um *exílio interno*, entendido como um exílio dentro do próprio território. Por outra parte, desde uma perspectiva mais literária, é o único texto que trata sobre a literatura epistolar, uma literatura extremamente íntima e desde a esfera privada. Os diários íntimos, que

também possuem esse mesmo aspecto *pessoal*, é o tema tratado pela pesquisa de Silvia Hégéle. No artigo “Diário íntimo, ¿una escritura del silencio? Laboratorio en femenino” a autora propõe uma leitura comparativa dos diários de Alejandra Pizarnik, Virginia Woolf y Sylvia Plath, autoras que ocuparam um lugar de reconhecimento na literatura mundial, como espaço de exploração literária do feminino.

Por fim, destacamos os trabalhos que se configuram dentro do tema das mulheres esquecidas, mulheres que foram apagadas da história literária, como é o caso das escritoras Josefina Plá e Dinorath do Valle. Assim sendo, Débora Cota em “Josefina Plá e o barro como lugar de arquivo” elabora uma discussão sobre a alegoria do barro na obra em questão, relacionando-a com a história cultural do Paraguai, na perspectiva simbólica de que o barro é o grande arquivo inacabado, no sentido derridariano, da identidade paraguaia, portanto, possui papel de memória, de busca daquilo que se tornou imêmore socialmente.

Em “A exposição das tensões humanas nas narrativas de Dinorath do Valle: uma caipira cosmopolita” Enedir Silva Santos e Vera Lucia Guimaraes Rezende colocam em cena a obra da escritora paulista olvidada pela crítica literária e pelos leitores. O objetivo do artigo é revisitar a escritura de do Valle, revelando mais que a construção de uma identidade caipira de si, mas uma temática cosmopolita que aborda também as violências simbólicas nas relações humanas.

No conjunto de artigos reunidos no dossiê, encontramos estudiosas e estudiosos de diversas universidades, seja do Brasil ou de outros países, que se dedicaram a pensar conceitos e categorias teóricas que permitissem tecer a análise da variada obra de autoria feminina que aqui se apresenta. Agradecemos as autoras e os autores pelas contribuições profícuas, bem como a equipe da Revista Travessias, que nos permitiu reunir tantos trabalhos instigantes e fundamentais para a ressignificação da mulher na literatura. Convidamos as leitoras e os leitores a encontrarem no dossiê as vozes de autoria feminina, sejam elas mais ou menos conhecidas do público. Desejamos uma boa leitura.

*As Organizadoras,*

*Profa. Dra. Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza*

*Profa. Dra. Gabriela de Lima Grecco*

## REFERÊNCIAS

BROWN, Wendy: “Freedom’s Silences” en POST, Robert (ed.): **Censorship and Silencing: Practices of Cultural Regulation**, Los Angeles, Issues and Debates, 1998, p.313-327.

SCOTT, Joan. El género: una categoría útil para el análisis histórico. In: en Mary Nash y James Amelang editores, **Historia y Género. Las mujeres en la Europa moderna y contemporánea, Valencia, 1991**. Disponible en: <http://dsyr.cide.edu/documents/302584/303331/02.-Scott.pdf>

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.